

Descrição e análise preliminar sobre a categoria verbal no dialeto indígena Pykobjê-Gavião (Timbira)

(Preliminary description and analysis on the verbal category in the indigenous dialect Pykobjê-Gavião (Timbira))

Talita Rodrigues da Silva¹

¹Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP)

talita.rodrigues.silva@usp.br

Abstract: In this paper we aim to describe and analyze in a very preliminary way some common verbal structures and uses in basic sentences of the indigenous dialect Pykobjê-Gavião (Macro-Jê Branch, Jê Family, Timbira Group). To develop this research, we take mainly the following references: Simon C. Dik (1997), Thomas E. Payne (1997) and Paul Schachter (2007). Following Payne (1997, p. 47), we will observe the distributional and structural properties of verbs, which can occur as head of a verbal phrase (VP) and as head of an adjective-verbal predicate. Then, we will discuss some types of verbs: active intransitive verb, state intransitive verb, process intransitive verb, extended intransitive verb, simple transitive verb and extended transitive verb. Finally, we will observe and analyze some tense and aspectual verbal operators.

Keywords: Brazilian indigenous language; Timbira dialect; morphosyntax; verbal phrase.

Resumo: Neste artigo buscamos descrever e analisar de forma bastante preliminar algumas estruturas e usos verbais comuns em sentenças básicas do dialeto indígena Pykobjê-Gavião (Tronco Macro-Jê, Família Jê, Complexo Timbira). Para desenvolver essa pesquisa, tomamos principalmente as seguintes referências: Simon C. Dik (1997), Thomas E. Payne (1997) e Paul Schachter (2007). De acordo com Payne (1997, p. 47), observaremos as propriedades distribucionais e estruturais de verbos, que podem se apresentar tanto como núcleo de um sintagma verbal (SV) quanto como núcleo de um predicado verbo-adjetival. Então, discutiremos sobre alguns tipos de verbos: verbo intransitivo ativo, verbo intransitivo estado, verbo intransitivo processo, verbo intransitivo estendido, verbo transitivo simples e verbo transitivo estendido. Finalmente, veremos e analisaremos alguns operadores verbais de tempo e aspecto.

Palavras-chave: língua indígena brasileira; dialeto Timbira; morfossintaxe; sintagma verbal.

Introdução

Os Pykobjê-Gavião são, segundo Rodrigues (2002 [1986]), um dos sete povos membros do grande grupo étnico Timbira.¹ Dentre as sete variantes do dialeto Timbira, quatro dispõem de trabalhos de descrição e análise linguística com orientação de métodos científicos. São elas: Krahô (cf. SOUZA, 1997), Parkatejê-Gavião (cf. FERREIRA, 2003), Apãniekrá-Canela (ALVES, 2004) e o Pykobjê-Gavião, que já fora estudado com ênfase nos aspectos

¹ A denominação Timbira, segundo Nimuendajú (1946), poderia significar “os amarrados” (do tupi: *tin* (amarrar) + *pi'ra* (passivo)), em referência às fitas de palha ou faixas trançadas em algodão que esses povos usam em partes do corpo como braços, testa e tornozelos. Timbira é o nome que os não índios atribuíram a esses povos. Entre eles, contudo, o tratamento é por *mehê*, que significa “minha gente”, “minha carne”. Os sete povos Timbira são: Ramkokramekrá-Canela, Apãniekrá-Canela, Krenjê, Krahô, Krinkati-Gavião, Parkatejê-Gavião e Pykobjê-Gavião. Se houver interesse em conhecer melhor cada um dos povos, sugerimos a leitura de Melatti (1972; 1978).

fonéticos e fonológicos, por Sá (1999), morfofonológicos, por Amado (2004), e, morfosintáticos, por Silva (2012).²

Historicamente, o Pykobjê-Gavião é um povo que, segundo Nimuendajú (1946), manteve-se voluntariamente afastado dos não indígenas até meados do século XIX, devido ao seu *ethos* belicoso. Atualmente, vive a sudoeste do estado do Maranhão, a cerca de 18 km do centro da cidade de Amarante, na microrregião de Imperatriz.

Os Pykobjê-Gavião ocupam uma mesma terra indígena (com extensão média de 42 mil hectares) que fora delimitada em 1977 pelo convênio Funai/Radam, após intensas disputas com fazendeiros locais. Encontram-se divididos em quatro aldeias: Governador, a mais antiga delas, Rubiácea, Riachinho e Aldeia Nova, esta última organizada em meados de 2010. Ao todo, contabilizam cerca de 600 indivíduos, com crescimento populacional médio de 10% ao ano, segundo dados recentes do Centro de Trabalho Indigenista (CTI).³

Apesar de haver disputas internas e eventuais desentendimentos, as aldeias partilham da mesma unidade cultural e há intenso convívio entre seus membros, sobretudo em decorrência das festividades tradicionais e laços de parentesco.

Os Pykobjê-Gavião também são conhecidos na literatura como “Gavião do Maranhão” ou “Gavião do Leste” e denominam-se como *Pycop catëë jë*, que significa povo de *Pycop*. *Pycop* é uma divindade tradicional da cosmologia Timbira.

Ainda que não se trate de um povo com contato recente ou cujas relações iniciais tenham sido pacíficas com os não indígenas, chamados por eles de *cöpë*, a língua indígena tem se mantido como fator de afirmação cultural. Ou seja, o Pykobjê-Gavião continua a atuar como língua de comunicação interpessoal dentro das aldeias e é a língua materna de 100% desse povo.

Em tal situação, o Português do Brasil, doravante PB, costuma ser ensinado apenas em idade escolar, isto é, por volta dos sete anos. Contudo, sabemos haver letramento anterior por meio de veículos midiáticos disponíveis em algumas casas das aldeias. Dentre os principais difusores destacamos rádio e televisor.

A alfabetização tende a ocorrer nas escolas indígenas das aldeias, com atuação majoritária de professores não indígenas e missionários americanos. Alguns poucos indígenas também passaram a contribuir com este ensino mais formal, após receberem a oportunidade de cursarem módulos de licenciatura intercultural oferecidos por instituições públicas de ensino superior deste país, tais como a Universidade Federal de Goiás (UFG).⁴ Contudo, a dificuldade de usar a escrita ainda é um tema de discussão comum entre esse povo, principalmente nas faixas etárias mais elevadas.⁵

2 Existe entre os estudiosos a controvérsia quanto ao fato de as sete línguas membros do Complexo Timbira serem línguas aparentadas ou se tratarem, de fato, de dialetos de uma única língua Timbira, que se afastou diacronicamente. Uma evidência a favor dos que apostam na ideia de que os Timbira formaram um grupo único no passado, com apenas uma língua em uso, o Proto-Timbira, é o fato de que todos os indivíduos que falam a língua indígena de seus "avós" (aceitando as variações diacrônicas existentes) conseguem se comunicar entre si através de linguagem.

3 Centro de Trabalho Indigenista (CTI), trata-se de uma organização não governamental atuante há mais de duas décadas entre os povos indígenas tratados.

4 Para entender melhor como funciona a educação intercultural entre povos indígenas brasileiros, sugerimos a leitura de Silva e Rocha (2006).

5 Essa temática deve ser relativizada levando-se em consideração a influência da Tradição oral no aprendizado e transmissão/recriação de conhecimentos por parte de povos indígenas brasileiros.

De todo modo, muitos Pykobjê-Gavião falam o PB com relativa proficiência, basicamente devido à necessidade de contato com representantes de órgãos de proteção aos indígenas, vendedores e demais pessoas, que movimentam serviços nas cidades próximas. Alguns poucos apresentam boa capacidade para se comunicarem em PB por meio da modalidade escrita, bem como o fazem em Timbira, e estes tendem a ficarem responsáveis por reivindicações junto aos órgãos de assistência.

Com relação ao letramento voltado às demandas desse povo indígena (cf. MATTOS E SILVA, 2004), apesar de a escrita uniformizada Timbira ter sido aprovada em dezembro de 2003, e de, na ocasião, contar com a anuência de representantes de seis dos sete povos Timbira, o que incluía membros do grupo Pykobjê-Gavião, a grafia adotada ainda é a missionária (Missão Novas Tribos do Brasil).⁶

Embora os educadores, especificamente os indígenas, reconheçam que a grafia missionária apresenta “problemas”, uma vez que não estabelece uma relação constante entre som e grafema, ela é a vigente por duas razões fundamentais: (i) faltam materiais didáticos que ensinem e apliquem a grafia uniformizada; (ii) os replicadores da escrita indígena (indígenas ou não indígenas), praticamente, desconhecem a existência da mesma. Tal situação evidencia que, embora a grafia Timbira tenha sido elaborada com embasamento teórico (assessoria das linguistas Flávia de Castro Alves e Rosane de Sá Amado) e sob uma égide democrática, houve falhas na transmissão desse conhecimento às partes interessadas.

Apesar das dificuldades expostas acima, optamos por apresentar os dados coletados em viagem de campo realizada em fevereiro e março de 2010 por Silva (2012) com a grafia uniformizada, por acreditarmos ser este um passo importante para seu estabelecimento no meio indigenista.

Tendo a ambição de atuar como uma exposição preliminar, que entende sua limitação quanto ao conteúdo verbal semântico da língua em estudo, o presente artigo buscará apresentar a distribuição e as estruturas que marcam os sintagmas verbais do Pykobjê-Gavião. Inicialmente, apresentaremos os tipos de sintagmas verbais, de acordo com a quantidade de argumentos e as funções sintáticas do sujeito que cada tipo verbal requer. Em seguida, apresentaremos alguns operadores aspecto-temporais.

Características morfosintáticas e morfossemânticas dos verbos em Pykobjê-Gavião: uma análise preliminar

Segundo Dik (1997, p. 49-52), a estrutura subjacente da frase (*clause/speech act*) requer, em primeiro lugar, a existência de um predicado (*predicate*), que remeta a propriedade/relação (*property/relation*).⁷ A esse predicado será aplicado um número adequado de termos (*terms*), que funcionarão, por sua vez, como argumentos (*arguments*) do predicado. Distintos dos argumentos são os satélites, uma vez que estes não são exigidos pelo predicado. Ou seja, enquanto os argumentos são obrigatórios para a interpretação do predicado, os satélites trazem informações adicionais. Dik (1997, p. 87) diz, ainda, que o mais natural é que o satélite ocupe posição periférica na frase e não central, como costuma ocorrer com os argumentos.

6 A grafia uniformizada Timbira já estava em discussão desde 1994, segundo Amado (2004, p. 6-7).

7 A organização de níveis de uma frase, segundo Dik (1997, p. 50), se organiza da seguinte forma: Nível 1: predicado(r) e termos (*core predication*); Nível 2: predicação (*extended predication*); Nível 3: proposição (*proposition*); Nível 4: frase ou cláusula (*clause*).

Contudo, o autor reconhece que, em muitos predicados, a noção de argumento se confunde com a de satélite, por isso as análises não se dão aprioristicamente.

Em Pykobjê-Gavião, distinguimos dois tipos de predicados: predicados nominais (N) e predicados verbo-adjetivais (VA). Os predicados VA, que são mais profícuos que os predicados N, podem ser analisados de acordo com o número (predicado de um lugar, de dois lugares ou três lugares) e a natureza dos termos que exige (funções semânticas do primeiro argumento (A1) e funções semânticas dos demais argumentos (A2 e/ou A3)).^{8, 9} A predicação como um todo designa o denominado *State of Affairs* (SoA).¹⁰

Quando o verbo (predicado verbal) requer apenas um argumento para ter sentido completo, trata-se de um verbo intransitivo, capaz de gerar uma oração intransitiva simples (ordem canônica: S-V). Os verbos intransitivos variam de acordo com a natureza do único argumento, que tem função sintática de sujeito.¹¹ Dessa forma, distinguimos três tipos de verbos intransitivos simples em Pykobjê-Gavião:

Verbo intransitivo Ativo: A1 tem a função semântica de Agente, doravante Sa:¹²

1. jôm craa hyycrôn¹³
QE criança dançarINTR¹⁴
'O ser criança dança'

8 Dik (1997, p. 117) afirma, com tradução nossa: O quadro dos predicados verbais básicos pode ser de um, dois ou três lugares, para designar propriedades, respectivamente, de relações binárias ou ternárias. Texto original: "Basic verbal predicate frames can be one-place, two-place, or three-place, designating properties, binary or ternary relations, respectively."

9 Payne (1997, p. 47) lembra-nos que "argumento" é um termo usado para se referir em um predicado verbal aos participantes e seus papéis semânticos (*semantic roles*). Afirma, ainda, que os papéis semânticos expressam relações conceituais existentes no "mundo", que, embora influenciem a morfossintaxe das frases, não correspondem, de fato, a categorias deste nível. Dixon (1994) propôs as categorias S, A e O para identificar a função sintática dos argumentos verbais nas línguas naturais, de modo a estabelecer um método para a identificação dos sistemas de marcação de caso.

10 Uma tradução que tem sido utilizada para designar *State of Affairs* é 'Estado de Coisas'. Dik (1997, p. 124) considera, ainda, que o SoA diz respeito não apenas sobre **o que** é dito, mas também observa **como** é dito.

11 Payne (1997, p. 145) sugere que pode haver duas classes morfossintaticamente distintas de sujeitos intransitivos: argumentos Sa e argumentos Sp. Segundo ele, os argumentos Sa seriam gramaticalmente tratados como argumentos A de verbos transitivos, ao passo que os argumentos Sp seriam tratados como argumentos P de verbos transitivos.

12 Dik (1997, p. 118) afirma, com tradução nossa: Agente – a entidade que controla uma Ação. Texto original: "Agent – the entity controlling an Action".

13 Julgamos necessário manter a glosa 'INTR' para diferenciar verbos com sentido semelhante, mas com teia argumental distinta, como é o caso de *hyycron*, que significa 'dançar sozinho'. Já *peequên* remete à dança realizada em parelha.

14 Seguem abaixo, por ordem alfabética, as glosas das siglas utilizadas ao longo deste artigo, as quais foram baseadas nas *Leipzig Glossing Rules*, desenvolvidas em conjunto pelo Departamento de Linguística do Instituto Max Planck e pelo Departamento de Linguística da Universidade de Leipzig:

ADV – classe adverbial; **ASC** – aspecto semi-completo; **AUM** – aumentativo; **BEN** – benefactivo; **DAT** – Caso dativo; **DEM** – demonstrativo; **DIM** – diminutivo; **DIR** – diretivo; **DUR** – aspecto durativo; **EPI** – pronome independente enfático; **ERG** – Caso ergativo; **FUT/LEX** – futuro lexicalizado; **IMP** – partícula de imperativo; **INTR** – verbo intransitivo; **IRR** – modo *irrealis*; **LOC** – locativo; **NPr** – nome próprio; **PASS/LEX** – passado lexicalizado; **PAS/REM** – passado remoto; **PD**: pronome dependente; **PF** – partícula fonte; **PI** – pronome independente; **PL** – marca de plural; **PT** – posposição de tempo; **QE** – quantificador existencial; **QI** – quantificador interrogativo; **WH** – pró-forma interrogativa.

2. Bernardet xwa
NPr banharINTR
'Bernardete se banha'¹⁵
3. cormy wa cato
ASC 1PI partirINTR
'Acabei de partir'

Verbo intransitivo Estado: A1 tem a função semântica Zero (\emptyset), doravante So (ex. 4), ou apresenta semântica relacionada à descrição (exs. 5 e 6):¹⁶

4. ry'my' ãj - p̃ym
DUR 1PD-estar.caído/caído
'Estou caindo'
5. weewee cate'te
borboleta ser.grande/grande-AUM
'A borboleta é grande'
6. cahỹj cãn cate
mulher ser.mau/mau muitoADV
'A mulher é muito má'

Verbo intransitivo Processo: A1 tem a função semântica Processado/Transformado, doravante Sio.¹⁷ O sujeito desse tipo verbal sempre aparecerá marcado com a partícula {mỹ}, indicando ser ele o afetado pelo processo:¹⁸

7. hõmre - mỹ ã' – cre'cret
homem-DAT 3PD-ter.medo/medroso
'O homem tem medo/está medroso'
8. ãj - mỹ cõrcree-re¹⁹
1PD-DAT ter.sede/sedento-DIM
'Eu estou super sedento'
9. jõm craa – mỹ prỹm
QE criança-DAT ter.fome/faminto
'O ser criança está com fome'

15 No PB dialeto maranhense o uso é 'banhar' e não 'tomar banho', como no Sudeste (variante televisiva), por isso os indígenas optam por 'banhar' quando precisam usar o Português.

16 Dik (1997, p. 118) afirma, com tradução nossa: Zero (\emptyset) – a entidade primariamente envolvida em um Estado. Texto original: "Zero (\emptyset) – the entity primarily involved in a State".

17 Dik (1997, p. 118) afirma, com tradução nossa: Processado/Transformado – a entidade que sofre um Processo. Texto original: "Processed – the entity that undergoes a Process".

18 Para saber mais sobre os usos das partículas marcadoras de Caso em Pykobjê-Gavião, tal como {mỹ}, que indica Caso dativo, e {te}, que indica Caso ergativo, sugerimos a leitura de Silva (2011).

19 Observemos que, nesse caso, a marca de diminutivo atua como um intensificador. O mesmo ocorre com a marca de aumentativo em usos como:

Jõm craa tete'te 'O ser criança está limpíssimo'
QE criança ser.limpo/limpo-AUM

Verbo intransitivo Estendido: pressupõem a existência de um constituinte oblíquo para ter sentido pleno (ordem canônica – Sa-V-Obl). Atestamos, por ora, que verbos intransitivos estendidos ocorrem apenas na subclasse dos intransitivos ativos, conforme segue:²⁰

10. cē te amne
3PI ir/vir para cá
'Ele vem para cá'
11. wa ha Rōbehax wyr te²¹
1PI IRR Rubiácea DIR ir/vir
'Eu vou a Rubiácea'
12. ropre hōmre awjahē a'cēt cŷm
gato macho caçar mata LOC
'O gato caça na mata'

Além dos verbos intransitivos, o Pykobjê-Gavião também dispõe de verbos transitivos. Os transitivos apresentam, pelo menos, dois argumentos básicos, de acordo com Dik (1997): A (sujeito de verbo transitivo) e P (objeto de verbo transitivo).^{22 23} Se os verbos transitivos forem bivalentes, chamá-los-emos de “transitivos simples”. Se forem trivalentes, tratá-los-emos por “transitivos estendidos”, uma vez que A3 será um constituinte oblíquo.

Verbo transitivo Simples (ordem canônica: A -P -V): se o tempo/aspecto for passado (modo *realis*), a marca de Caso ergativo será posposta ao sujeito (exs. 13 e 14), a menos que A1 tenha a função semântica [+processado/experienciador], pois, nesta situação, a marcação é de Caso dativo, igualmente posposto ao sujeito (exs. 15 e 16):

13. aa – te cwyr cor
2PD-ERG mandioca comer
'Você comeu mandioca'
14. rop – te xoo pro
onça-ERG cão pegar
'A onça pegou o cão'
15. aa – mŷ ě' – prŷm – te²⁴
2PD-DAT 3PD-querer-AUM
'Você o desejava'

20 Ferreira (2003, p. 86), assim como nós, divide os verbos intransitivos do Parkatêjê em “intransitivos simples” e “intransitivos estendidos” e os verbos transitivos em “transitivos simples” e “transitivos estendidos”.

21 Observemos que a diferença entre ‘ir’ e ‘vir’, {te}, é determinada pela natureza semântica do constituinte oblíquo que acompanha esse verbo.

22 Payne (1997, p. 133) diz que A é definido como o argumento de uma frase transitiva que mais se assemelha a Agente.

23 Payne (1997, p. 134) diz que P é definido como o argumento de uma frase transitiva que mais se assemelha a Paciente.

24 O verbo *prŷm*, em Pykobjê-Gavião, tem o sentido de ‘querer’, ‘precisar’. Pode requerer apenas um argumento e, neste caso, será usado com a ideia de ‘ter fome/estar faminto’. Quando requer dois argumentos, seu sentido mantém-se como ‘querer’. A forma *prŷmte* está lexicalizada no estado sincrônico da língua com o sentido de ‘desejar muito algo’. Tanto *prŷm* quanto *prŷmte*, em uso transitivo ou intransitivo, exigem que o sujeito (A1) tenha a função semântica Processado/Transformado (SiO), sendo marcado, portanto, com Caso dativo.

16. mam cahỹj – mỹ xoo enta xen
 PAS/REM mulher-DAT cão DEM gostar
 ‘Antigamente, a mulher gostava daquele cão’

Se o tempo/aspecto for presente (modo *realis*), apenas a marca de Caso dativo aparecerá posposta ao sujeito (ex. 17). Comparando (16) a (17), observamos que, nestas situações, a diferenciação entre tempo/aspecto passado e tempo/aspecto presente se fará, basicamente, por meio de operadores aspecto-temporais (ex. 16, uso de *mam*), dos quais trataremos a seguir.

17. cahỹj – mỹ xoo enta xen
 mulher-DAT cão DEM gostar
 ‘A mulher gosta daquele cão’

Se tempo/aspecto for futuro (modo *irrealis*), não haverá marca de Caso ergativo (exs. 18 e 19) ou de Caso dativo (exs. 20 e 21). Parece que duas partículas não podem se suceder. Então, neste contexto, a partícula verbal terá prioridade sobre a nominal:

18. ca ha cwyr cor
 2PI IRR mandioca comer
 ‘Você comerá mandioca’
19. rop ha xoo pro
 onça IRR cão pegar
 ‘A onça pegará o cão’
20. ca ha ẽ – prỹm – te
 2PI IRR 3PD-querer-AUM
 ‘Você o desejará’
21. cahỹj ha xoo enta xen
 mulher IRR cão DEM gostar
 ‘A mulher gostará daquele cão’

Com base nos dados vistos acima, observamos que há uma diferenciação pronominal. No tempo/aspecto passado (modo *realis*), os pronomes estão sempre prefixados a uma partícula, que pode ser {te} (ex. 13) ou {mỹ} (ex. 15), por isso podem ser chamados de pronomes prefixais, pronomes de forma presa ou pronomes dependentes. Quando o tempo/aspecto é presente (modo *realis*), a menos que o sujeito seja [+processado/experenciador], o pronome será independente ou forma livre (ex. 22). Já no tempo/aspecto futuro (modo *irrealis*), o pronome será sempre independente ou forma livre (exs. 18 e 20).²⁵

22. ry'my' ca cwyr cor
 DUR 2PI mandioca comer
 ‘Você está comendo mandioca’

Verbo transitivo Estendido (ordem canônica: A-Obl-P-V): as mesmas discussões de Caso aplicadas a frases transitivas simples são verificadas em frases transitivas

25 Para entender melhor a diferenciação entre “pronome dependente” e “pronome independente”, em Pykobjê-Gavião, sugerimos a leitura de Silva (2012).

estendidas.²⁶ No entanto, neste contexto, A2 só terá função semântica meta (*goal*), ao passo que A3 tratar-se-á de um constituinte oblíquo, que contemple uma das seguintes funções semânticas (cf. DIK, 1997, p. 120): recipiente (*recipient*), localização (*location*), direção (*direction*), fonte/origem (*source*) ou referência (*reference*). Se o oblíquo for fonte/origem, haverá uso da partícula benefactiva/malefactiva {mỹ} (ex. 23), que, por sua vez, é homófona à marca de Caso dativo. Para as demais funções semânticas, o Pykobjê-Gavião apresenta algumas opções de núcleos posposicionais, dentre eles, citamos os que parecem ser mais profícuos:

23. aa - te co - mỹ cö jōor
 2-ERG 3-BEN água dar
 ‘Você deu água para ele’
24. cahỹj ha co – pē jōm craa hōtyr²⁷
 mulher IRR 3PD-PF QE criança salvar
 ‘A mulher salvará a criança dele’
 Sentido: ‘Criança será salva pela mulher do mal a ser infligido por ele’
25. ěj – te co wyr cö pyr
 1PD-ERG 3PD DIR água trazer
 ‘Eu trouxe água para ele’
26. wa ha cö cỹm tep cwyr
 1PI IRR água LOC peixe pegar
 ‘Pegarei peixe no rio’

Até o momento, vimos subtipos possíveis de predicados verbo-adjetivais (VA), de acordo com o número de argumentos exigidos. Em Pykobjê-Gavião, atestamos: verbo intransitivo simples (ativo (Sa), estado (So), processo (Sio)), verbo intransitivo estendido (apenas ativo (Sa)), verbo transitivo simples e verbo transitivo estendido.

A seguir, analisaremos alguns tipos de operadores verbais (tempo/aspecto) verificados.

Operador aspecto-temporal em Pykobjê-Gavião

Conforme explicado por Givón (2001, p. 50-52), os verbos têm baixa estabilidade temporal, por isso, em Pykobjê-Gavião, as marcas de **tempo/aspecto** e **modo** estão diretamente relacionadas aos verbos.²⁸ Como veremos melhor adiante, a principal forma para indicar

26 Payne (1997, p. 171) alerta para a distinção existente entre “transitividade semântica” e “transitividade gramatical/sintática” quando se analisam frases como aquelas a que chamamos de “transitivas estendidas”. Sobre suas características, o autor explica, tradução nossa: A valência semântica de um verbo, V, refere-se ao número de *participantes* necessários na cena expressa por V. A valência sintática, então, indica o número de *argumentos* verbais em uma frase na qual V é o predador principal. Texto original: “[...] the semantic valence of a verb, V, refers to the number of necessary *participants* in the scene expressed by V. Syntactic valence, then, is the number of verbal *arguments* in a clause in which V is the main predicator.”

27 O sufixo –pē é a forma contraída do núcleo adverbial com função semântica fonte pēn.

28 Como pode ocorrer em outras línguas naturais (cf. GIVÓN, 1984, p. 65), no Pykobjê-Gavião, as noções de tempo e aspecto parecem estar condensadas em uma única marca morfológica, ao passo em que modo apareceria diferenciado. Autores afirmam que o mesmo se dá nas demais variantes Timbira já descritas (cf. SOUZA, 1997; FERREIRA, 2003; ALVES, 2004; FREITAS, 2008).

tempo/aspecto neste dialeto Timbira é através de itens lexicais com funções dêiticas, tais como ‘ontem’, ‘amanhã’ e ‘agora’.²⁹ As marcas de modo, em geral, são indicadas por meio de categorias gramaticais (partículas verbais).³⁰ Em uma mesma frase com predicado verbal, podem coexistir operadores de tempo/aspecto e operadores de modo, conforme vemos nos exemplos dados abaixo:³¹

27. **awca'te** wa **ha** cwyr cor
 FUT/LEX IPI IRR mandioca comer
 ‘Amanhã comerei mandioca’
28. **awca'te** ny cahÿj **ha** cwyr cor
 FUT/LEX PT mulher IRR mandioca comer
 ‘Amanhã a mulher comerá mandioca’

Comparando (27) a (28), vemos que em (28) o item aspecto-temporal lexicalizado, *awca'te*, vem acompanhado por uma posposição temporal, *ny*. O uso desta partícula é facultativo quando um advérbio temporal está sendo utilizado como operador aspecto-temporal. O mesmo não se observa nos casos em que a função do advérbio temporal é de satélite, conforme uso em (29). Observemos que, neste caso, a omissão de *ny* implicaria em estranhamento, como indicado em (30).

29. empo co ha me **awca'te** **ny** coco?³²
 WH 1EPI IRR PL amanhã PT comer
 ‘O que nós vamos comer amanhã?’
30. *empo co ha me **awca'te** coco?
 WH 1EPI IRR PL amanhã comer
 ‘O que nós vamos comer amanhã?’

Os operadores lexicais aspecto-temporais mais profícuos em Pykobjê-Gavião são:

- Para marcar tempo/aspecto **futuro imediato**, *awca'te*, que na forma adverbial significa ‘amanhã’ (exs. 27 e 28);
- Para marcar tempo/aspecto **futuro distante**, *an cÿm*, que, literalmente significa ‘no período de anos’, como dado abaixo:

29 Fiorin (2004, p. 162) dá as seguintes explicações acerca do uso dêitico: “Todo enunciado é realizado numa situação definida pelos participantes da comunicação (eu/tu), pelo momento da enunciação (agora) e pelo lugar em que o enunciado é produzido (aqui). As referências a essa situação constituem a dêixis e os elementos linguísticos que servem para situar o enunciado são os dêiticos.”

30 Alves (2004, p. 67) considera que, no Apãniekrá-Canela (Timbira), “a partícula **ha** tem mais um uso modal (*realis* vs. *irrealis*) que não requer referência ao tempo futuro”. No Pykobjê-Gavião, acreditamos, igualmente, que a partícula verbal {ha} atua mais como um operador modal do que como um operador aspecto-temporal.

31 Comrie (1985) apresenta as noções para codificar tempo, aspecto e/ou número de uma língua natural em três classes possíveis: 1) categorias gramaticais (flexionais ou livres); 2) itens lexicais com funções semelhantes a dos advérbios; 3) expressões compostas (classe aberta) que a língua pode fornecer.

32 O verbo ‘comer’ pode ser dito *co(r)* ou *coco(r)*. *Coco(r)* significa ‘alimentar-se’ e não apenas ‘comer o alimento x’, como parece ser o uso mais comum para *co(r)*.

31. **an cȳm wa ha cato**³³
 ano LOC 1PI IRR partirINTR
 ‘Dentro de alguns anos irei embora’

- Para marcar tempo/aspecto **passado recente** (Momento da Fala é posterior ao Momento da Referência), *e’no’ny*, que pode ser usado adverbialmente com o sentido de ‘ontem’. Observemos, a partir dos exemplos dados abaixo, que as mesmas considerações feitas sobre o uso de *ny* para *awca te* se aplicam a *e’no’ny* (comparemos (32) a (33) e (34) a (35)):

32. **e’no’ny hōmre ngōr pex**
 PAS/LEX homem dormirINTR bemADV
 ‘Ontem o homem dormiu bem’

33. **e’no’ny ny hōmre ngōr pex**
 PAS/LEX PT homem dormirINTR bemADV
 ‘Ontem o homem dormiu bem’

34. **empo aa - te e’no’ny ny coco?**
 WH 2PD-ERG ontem PT comer
 ‘O que você comeu ontem?’

35. ***empo aa - te e’no’ny coco?**
 WH 2PD-ERG ontem comer
 ‘O que você comeu ontem?’

- Para indicar ‘anteontem’ ou ‘**há poucos dias atrás**’, usa-se *e’no’cȳm*, que não deve estar acompanhado de *ny*.³⁴

33 *Cȳm* ocupa a posição nuclear, que poderia ser de *ny*, por isso o uso de *ny* seria altamente redundante.

34 Acreditamos que *e’no’ny* e *e’no’cȳm* partilhem da mesma raiz primitiva, *e’no*. No estado sincrônico do Pykobjê-Gavião, *e’no* pode ser usado como quantificador nominal indefinido com o sentido de ‘algum pedaço de’, como vemos na frase abaixo:

ẽj – mȳ **e’no** cwyr j-acree ‘Vou escolher alguma mandioca para mim’
 1PD-DAT QI mandioca PR-escolher

Literalmente: ‘Para mim uma parte das mandiocas eu escolho’

Contexto: Há um monte de mandiocas, dentre elas, escolherei a(s) que mais me apetece(m).

E’no também pode ser usado como verbo no sentido de ‘dar uma parcela, um pouco’, como veremos abaixo:

ẽj – mȳ cwyr to **e’no!** ‘Dá um pouco de mandioca para mim!’
 1PD-DAT mandioca IMP dar (parte do todo)

Literalmente: ‘Para mim dê um pedaço de mandioca!’

Contexto: Alguém está comendo uma mandioca e o falante deseja comer um pouco daquele prato.

36. **e'no'c̄ym** aa – te a'tor coran³⁵
 pouco tempo 2PD-ERG lambu matar
 'Há poucos dias você matou lambu'

- Para marcar tempo/aspecto **passado remoto** usa-se *mam*, que significa 'antigamente', podendo indicar desde algumas décadas atrás até períodos de um tempo mítico. Não é adequado usar qualquer marca adverbial depois de *mam*. Sua posição canônica é em início de frase.

37. **mam** co - m̄ cō xen
 PAS/REM 3PD-DAT água gostar
 'Antigamente ele gostava de água'

- Para marcar tempo/aspecto **presente durativo** (presente, Momento da Fala coincide com o Momento da Referência), o mais comum é usar *ry'my'*. Não atestamos quaisquer usos adverbiais para esse operador. Assim como ocorre com demais operadores aspecto-temporais, sua posição canônica é em início de frase:

38. **ry'my'** ējcre enta xēt
 DUR casa DEM queimarINTR
 'Essa/esta casa está queimando'

39. **ry'my'** cē cō ē' – pēn
 DUR 3PI água 3PD-beber
 'Ele está bebendo água'

- O operador *ry'hy* funciona apenas como marcador de **aspecto incompleto no presente**, mas tem a peculiaridade de exigir que um verbo deôntico (-'re) esteja unido ao verbo principal, conferindo, desse modo, ideia de urgência na completude, conforme aparece no exemplo abaixo:

40. cē **ry'hy** cwyr cor - 're
 3PI ANC mandioca comer-DEO
 'Você já devia ter comido a mandioca'

35 Assim como ocorre com outros verbos (exs. *co(r)* = comer, *cato(r)* = sair/partir, etc.), *cora(n)* é um tipo verbal que alterna formas longas e formas breves. Amado (2004, p. 99 em diante) analisa a variação que os verbos apresentam em sua raiz a depender do tempo que expressam. Quando se trata do tempo passado, que, segundo a autora, é o não-marcado em Pykobjê, os verbos apresentam aquilo que foi denominado "forma longa". Já se o tempo for o presente ou o futuro, temos a "forma breve". Sobre a diferenciação pronominal verificada, no tempo não-marcado, o pronome utilizado é dependente, ao passo que nos demais é independente. Vejamos, a seguir, os exemplos retirados de Amado (2004, p. 100, grifos nossos, glosa original), para entendermos melhor como se processa essa diferenciação, de nível fonológico, de acordo com o tempo/aspecto apresentado:

ej – te aʔjē kor	'eu comi a carne'
1 ERG 'carne' 'comer'	
awakaʔte wa ha aʔjē ko	'amanhã eu comerei a carne'
'amanhã' 1 FUT 'carne' 'comer'	
wa aʔjē ko	'eu estou comendo a carne'
1 'carne' 'comer'	

- O operador *cahör* também marca aspecto incompleto, com escopo restrito à classe semântica dos verbos de sucção (*chupar, sugar, comer, beber, etc.*), como vemos no exemplo que segue:

41. jôm craa - re **cahör** pryte' cy mak
 QE criança-DIM ANC gado leite sugar
 'O ser criança ainda suga o leite de vaca'

Por fim, julgamos relevante apresentar o operador utilizado para marcar uma ação que está a ponto de ser completada ou que foi completada a pouquíssimo tempo. Sua função, portanto, seria similar a do *just*, em Inglês (ex. 89). Chamaremos tal operador de marca de **aspecto semi-completo**.

42. Inglês:
 I **just** meet her
 'Acabei de conhecê-la'

43. wa **cormy** te cöte wyr
 1PI ASC ir riacho DIR
 Interpretação (a) 'Eu estou indo ao riacho'. Contexto possível: Caminhando rumo ao riacho, ainda na estrada.

44. tẽ ca **cormy** te cöte wyr
 INT 2PI ASC ir riacho DIR
 'Você já foi ao riacho?'

45. wa **cormy** te cöte wyr
 1PI ASC ir riacho DIR
 'Acabei de ir ao riacho'
 Interpretação (b) 'Acabei de ir ao riacho'. Contexto possível: O falante chegou há pouco tempo do riacho em questão.

Com base nos dados vistos acima, podemos concluir que o tempo/aspecto não-marcado do Pykobjê-Gavião é o **presente completo**. Todos os outros tendem a ser ressaltados por meio de um item lexical com função de operador aspecto-temporal. Nesta subseção, vimos os seguintes operadores aspecto-temporais: futuro imediato (*awca'te*), futuro distante (*an cÿm*), passado recente (*e'no'ny*), passado 'há poucos dias' (*e'no'cÿm*), passado remoto (*mam*), presente durativo (*ry'my'*), presente incompleto (*ry'hy, cahör*) e presente semi-completo (*cormy*).

Algumas considerações

O intuito central desse artigo foi descrever e analisar muito preliminarmente algumas das características mais proeminentes da categoria verbal em Pykobjê-Gavião. Buscamos tratar sobre características distribucionais e estruturais do verbo, enquanto núcleo de um sintagma verbal e/ou de um predicado verbo-adjetival (VA).

Os tipos verbais depreendidos foram: verbo intransitivo simples (ativo (Sa), estado (So), processo (Sio)), verbo intransitivo estendido (apenas ativo (Sa)), verbo transitivo simples e verbo transitivo estendido.

Na subsecção que tratou de alguns tipos de operadores verbais, apresentamos as seguintes marcas, muitas delas dêiticas: futuro imediato (*awca'te*), futuro distante (*an cÿm*), passado recente (*e'no'ny*), passado 'há poucos dias' (*e'no'cÿm*), passado remoto (*mam*), presente durativo (*ry'my'*), presente incompleto (*ry'hy, cahör*) e presente semi-completo (*cormy*). E, por fim, levantamos a hipótese de que o tempo/aspecto não-marcado do Pykobjê-Gavião poderia ser o presente completado.

Possuindo como base esta modesta contribuição aos estudos da categoria verbal, relegamos a estudos futuros uma discussão mais detida sobre a marcação da pluralidade verbal em Pykobjê-Gavião. Tomando como ponto de partida o tema dos operadores, brevemente visto aqui, em intersecção com a discussão da categorial adverbial, poderíamos analisar como esta língua marca mais de um evento, a depender de questões tais como tempo, espaço e/ou variação de participantes.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. C. *O Timbira falado pelos Canela-Apãniekra: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- AMADO, R. S. *Aspectos morfofonológicos do Gavião-Pykobjê*. 2004. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- COMRIE, B. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- DIK, S. C. *The theory of functional grammar – Part 1: The structure of the clause*. 2. ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- DIXON, R. M. W. *Ergativity*. England/Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FERREIRA, M. N. O. *Estudo morfossintático da língua Parkatejê*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- FIORIN, J. L. Pragmática. In: FIORIN, J. L. (Org.) *Introdução à linguística II. Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 161-186.
- FREITAS, M. F. P. de. *Revisitando os verbos em Parkatêjê: questões relevantes para um estudo morfossintático*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras, Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém.
- GIVÓN, T. *Syntax, an introduction*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

MATTOS E SILVA, R. V. *O português são dois...* Novas Fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MELATTI, J. C. *Ritos de uma tribo Timbira*. São Paulo: Ática, 1978.

_____. *O messianismo Krahô*. São Paulo: Herder, 1972.

NIMUENDAJÚ, C. *The Eastern Timbira*. Berkeley and Los Angeles: University of California Publications in American Archeology and Ethnology, 1946. v. 41.

PAYNE, T. E. *Describing morphosyntax – a guide for field linguists*. New York: Cambridge University Press, 1997.

RODRIGUES, A. D. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002 [1986].

SÁ, R. M. *Análise fonológica preliminar do Pykobyê*. 1999. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo.

SCHACHTER, P. Parts-of-speech systems. In: SHOPEN, T. (Ed.) *Language Typology and Syntactic Description*. v. 1. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 1-60.

SILVA, M. S. P.; ROCHA, L. M. Educação bilíngue intercultural entre povos indígenas brasileiros. *Revista da UFG*, 2006. Disponível em: http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2006/textos/educacao_bilingue.pdf. Acesso em: 30 jun. 2013.

SILVA, T. R. O estatuto das partículas {te} e {mỹ} da língua indígena Pykobjê-Gavião. *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 351-363, jan./abr. 2011.

_____. *Descrição e análise morfossintática do nome e do verbo em Pykobjê-Gavião (Timbira)*. Amtsgricht München: Lincom Europa Academic Publications, 2012. [v. 66 da série LINCOM Studies in Native American Linguistics].

SOUZA, S. M. *A sintaxe de uma língua de verbo no final: Krahô*. 1997. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.